

“Aqui cada miritizeiro tem um nome”: humanização de miritizeiros em comunidades ribeirinhas e urbanas da Amazônia Oriental

Bruno R. C. Domingues; Fagner F. de Sousa; Flávio B. Barros (Orientador).

O miritizeiro (*Mauritia flexuosa*) é uma palmeira da família arecácea de relevância incontestável para vários grupos sociais da Amazônia, reconhecida enquanto “palmeira santa” pelos moradores de Abaetetuba, cidade situada no nordeste paraense. Nessa região amazônica os frutos de miriti se transformam em mingau, alimentando as ilhas e a cidade; a medula do pecíolo, ou bucha, no dizer local, se transforma em brinquedo, levando alegria às crianças e enfeitando casas nos espaços rurais e urbanos; ao morrer, seu tronco é utilizado como ponte entre rio e casas e, ao degradar-se, serve de adubo para cultivar novas plantas. Neste sentido, pode-se observar uma forte interação entre humanos e esta palmeira. Contudo, como um se diferencia do outro? Como a animalidade como tanto nos diz Tim Ingold (1994) se difere ou se aproxima da humanidade? Para averiguar tais questões recorreremos à observação participante (Malinowski, 1972) aliada aos conhecimentos acerca das técnicas de personificação como sugere Descola (2004) e à luz do perspectivismo (Viveiros de Castro, 1996). Para entender as relações entre humanos (ribeirinhos, mingauleiros, artesões) e não humanos (o miriti), precisamos iniciar pela forma cosmológica, segundo a qual, uma indígena de nome Uaraci, única filha do cacique Uarucá, possuidora de conhecimentos de cura através da natureza, certo dia, acometida por uma doença, faleceu à beira do rio; seu pai a enterrou neste mesmo lugar e, mais tarde, observou que no local nascera uma palmeira estranha repleta de cachos com frutas vermelhas. Na ocasião, ouviu a voz de sua filha indicando que daquela palmeira seus descendentes deveriam se alimentar e que tudo nela seria aproveitável. Atualmente, é como se Uaraci estivesse a cuidar de seu povo, pois essa palmeira santa, também considerada palmeira da vida, tudo provê! Assim, os povos e comunidades que dela se apropriam mantêm uma relação de familiaridade com essas palmeiras, identificando as provedoras de “bons frutos”, as quais são nomeadas e consideradas “palmeiras mãe” e, portanto, recebem nomes, o que consiste em uma das principais técnicas de humanização; os frutos dessas “mães” não são comercializados, reservando-se ao consumo familiar e a dádiva, por meio da oferta a familiares e amigos. A humanização também desponta como uma forma de preservação da espécie, uma vez que essas palmeiras e seus “filhos” não são cortados. Na cidade os mingauleiros e artesões que lidam com o miriti, relacionam as conquistas econômicas e sociais a ele, que é a principal fonte de renda e provê a manutenção da qualidade de vida destes, que agradecem, de acordo com suas filosofias religiosas, ao divino, mas também ao miriti, estreitando relações entre humanos e não humanos, enfim.